

A ESCUTA SENSÍVEL NO ACOLHIMENTO ÀS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Julia Castagna Henrique ¹
Kelly Werle ²

RESUMO

O presente estudo investiga como a escuta sensível pode potencializar o acolhimento das crianças na Educação Infantil, considerando sua relevância para garantir os direitos das crianças e o seu desenvolvimento integral. Tendo como problema de pesquisa: “De que forma a escuta potencializa o acolhimento das crianças na Educação Infantil?” O trabalho tem por objetivo geral investigar como a escuta pode potencializar o acolhimento das crianças na Educação Infantil e por objetivos específicos: Compreender de que forma as crianças têm sido acolhidas nos momentos sensíveis no contexto da Educação Infantil; Pesquisar situações do cotidiano em que a escuta às crianças desponta como elemento fundamental no processo de acolhimento; Refletir sobre o que a professora pensa acerca do acolhimento e da escuta das crianças. A metodologia adotada foi qualitativa, o tipo de pesquisa caracteriza-se como observação direta intensiva desenvolvida através da observação e da entrevista semiestruturada. Os dados foram registrados em diário de campo e analisados com base em princípios de reflexividade e sensibilidade às interações entre adultos e crianças. O estudo se baseia em autores como: Staccioli (2013) - acolhimento na Educação Infantil; Gonzalez-Mena (2015) - comunicação com crianças pequenas. Os resultados apontam que práticas pedagógicas fundamentadas na escuta sensível promovem o acolhimento de forma contínua e presente no cotidiano, fortalecendo vínculos afetivos, respeitando/validando os sentimentos e as necessidades das crianças. Situações cotidianas como a mediação de conflitos, agitação, angústia da separação dos familiares e a atenção ao choro foram evidenciadas, destacando a importância de uma postura empática por parte dos(as) professores(as). Conclui-se que a escuta sensível é indissociável do ato de acolher, e que práticas sensíveis e humanizadas são importantes para a construção de ambientes escolares mais acolhedores, éticos e inclusivos, respeitando o protagonismo e os direitos das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil, Escuta Sensível, Acolhimento.

¹ Pós-Graduanda do Curso Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria- RS, j.castagna.h@gmail.com

² Orientadora: Profa Dra do Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Maria - RS, kelly.werle@ufsm.br



INTRODUÇÃO

O presente trabalho, derivado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), discute como a escuta sensível pode potencializar o acolhimento das crianças na Educação Infantil. A escolha do tema vem da percepção de que a presença atenta do adulto, seu cuidado e sua habilidade de perceber as diferentes formas de expressão das crianças são elementos essenciais para garantir o desenvolvimento integral das crianças e assegurar seus direitos na escola.

Durante os momentos em que estive em uma sala de Educação Infantil, presenciei momentos desagradáveis e desrespeitosos com as crianças, onde ia contra tudo o que acredito para um atendimento de qualidade para com as crianças. O fato de as crianças serem ignoradas e desrespeitadas sempre me incomodou, situações como: abafar com música o choro de uma criança em sua inserção inicial na escola; não prestar ajuda necessária quando uma criança cai no chão; comentários como “quase caiu, opa, não foi nada, levanta levanta”; nos momentos de conflito onde a única coisa que importa é ouvir uma criança pedindo desculpas para outra, sem nem sequer ouvir o que elas têm a dizer, ou sequer respeitar os sentimentos envolvidos na ocasião; a hora do soninho, onde não se respeita o fato de crianças que não tem sono, mas são obrigadas a permanecer deitadas. Essas situações me mobilizaram a pesquisar.

A pesquisa que fundamenta este artigo buscou responder à seguinte questão: De que forma a escuta sensível potencializa o acolhimento das crianças na Educação Infantil? A partir dessa problematização, definiu-se como objetivo geral compreender como a escuta contribui para qualificar práticas de acolhimento no cotidiano escolar.

A investigação adotou abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de observação direta intensiva e entrevista semiestruturada. Durante quatro semanas, foram acompanhadas interações cotidianas entre crianças e professores em uma Unidade de Educação Infantil, com registros em diário de campo. A análise dos dados seguiu princípios de reflexividade, buscando interpretar os sentidos atribuídos pelas crianças às situações observadas e compreender o posicionamento docente diante das demandas de acolhimento.

Os resultados evidenciaram que a escuta sensível favorece intervenções mais empáticas e qualificadas, especialmente diante de conflitos, momentos de agitação, sentimentos de insegurança e situações de separação dos familiares. A postura atenta da professora permitiu validar emoções, promover diálogo e fortalecer vínculos, contribuindo para um ambiente mais seguro e afetivo.



METODOLOGIA

A abordagem metodológica deste trabalho é caracterizada como abordagem qualitativa, ou seja, promove uma reflexão mais profunda em relação ao que se busca pesquisar, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem.

Sendo uma abordagem qualitativa, o tipo de pesquisa realizada caracteriza-se como observação direta intensiva que é desenvolvida através de duas técnicas: observação e entrevista. A observação escolhida refere-se a não participante, que nas palavras de Marconi e Lakatos (2003, p. 209-210) significa que o pesquisador estará inserido no ambiente em que será realizada a pesquisa, “mas não se integra a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador.”

Entende-se que essa é a estratégia mais adequada de se atender aos objetivos propostos, pois não se pretende interferir no modo de acolhimento com as crianças, tampouco contribuir com a resolução dos conflitos do cotidiano, mas exercitar uma postura de pesquisadora, através da observação não participante.

A construção de dados foi realizada a partir da observação não participante já mencionada, que resultou na escrita de um diário de campo. O diário de campo caracteriza-se por “[...] relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia, pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 150). Nesse diário foram registrados, através de narrativas, os momentos de acolhimento. O diário ajuda a melhor refletir sobre os momentos vivenciados e observados. Para melhor detalhamento dos registros foi levado em consideração os aspectos: Quem; o quê; o porquê; onde; quando e como ocorre o acolhimento.

A pesquisa teve como lócus a Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, apresentando como estratégias metodológicas: a observação, realizada no período de quatro semanas no turno da tarde, em uma turma de Educação Infantil; o diário de campo da pesquisadora; e a entrevista, com a professora regente da turma. Caracteriza-se como sujeitos



dessa pesquisa as 11 crianças da turma, que tinham de 2 anos e 11 meses a 4 anos e 5 meses, os 3 bolsistas auxiliares, a professora regente e os outros 2 professores que auxiliaram a turma durante um pequeno afastamento da regente (Professor substituto e professora do AEE).

A fim de adotar princípios éticos na realização da pesquisa adotou-se um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), tanto para os professores e bolsistas, como para os pais ou responsáveis pelas crianças, pois, legalmente as crianças não respondem por si. Entretanto, conquistar o consentimento das crianças é tão importante quanto o dos pais, pois é a partir delas que a pesquisa foi construída, tendo como foco suas interações e seus momentos sensíveis.

Portanto, para realização da pesquisa, adotei como princípio o cuidado para adentrar no seu espaço sem invadir, ter a sensibilidade de me afastar nos momentos em que a criança mostrou-se pouco à vontade, olhar com cuidado e atenção para como me inserir no seu contexto. As crianças são sujeitos de direitos, merecem todo o cuidado e atenção, assim como um olhar sensível à sua existência.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa apresenta as principais discussões sobre o acolhimento e a escuta sensível na Educação Infantil, constituindo um percurso que ajuda a compreender como tais conceitos têm sido investigados e quais reflexões sustentam a análise desenvolvida neste estudo. Para isso, foi realizado um Estado do Conhecimento no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando os descritores “acolhimento” e “Educação Infantil”. O mapeamento possibilitou identificar tendências, lacunas e perspectivas recorrentes nas pesquisas sobre o acolhimento, oferecendo um panorama consistente para compreender como a temática tem sido tratada.

A primeira dissertação analisada foi a de Bastos (2014), intitulada *A participação infantil no cotidiano escolar: crianças com voz e vez*. O estudo buscou compreender as formas de participação de crianças de cinco e seis anos em uma escola de Educação Infantil. Os resultados indicam que as crianças percebem sua participação principalmente em dois espaços: a roda de conversa, entendida como momento de escuta, e o pátio, percebido como espaço de autonomia. Bastos (2014) evidencia que esses ambientes simbolizam para as crianças oportunidades reais de expressão e decisão, mostrando como elas atribuem sentidos próprios ao cotidiano escolar.



A segunda pesquisa selecionada foi a dissertação de Ristof (2020), *A chegada dos bebês na escola de Educação Infantil: acolher com sensibilidade*. Seu objetivo foi investigar como ocorre a interação entre escola e família no ingresso dos bebês. Os resultados mostraram duas concepções distintas no processo de entrada do bebê: uma centrada na adaptação, em que a criança deve se ajustar às regras e ao ambiente escolar, e outra baseada no acolhimento, que reconhece o bebê como sujeito ativo, com ritmos, necessidades e modos próprios de comunicação. Ristof (2020) destaca que acolher significa reconhecer singularidades e construir práticas sensíveis que envolvam escola, família e criança de forma integrada.

O terceiro trabalho analisado foi o de Lippi (2016), *O acolhimento da criança de 3 a 5 anos quando ingressa na escola de Educação Infantil*. A autora investigou como ocorre o acolhimento das crianças no início da escolarização e ressaltou que esse processo envolve tanto a escola quanto a família. Os resultados mostram que as professoras dependem do apoio e da parceria das famílias para se sentirem seguras e aptas a organizar estratégias de recepção. Lippi (2016) enfatiza que acolher crianças e famílias é uma tarefa complexa que envolve preparo emocional e profissional.

A análise das dissertações mostra que o acolhimento é reconhecido como prática essencial na Educação Infantil, mas ainda aparece, na maioria dos estudos, restrito ao período de adaptação. Poucos trabalhos consideram o acolhimento ao longo do cotidiano, o que revela a necessidade de pesquisas que o compreendam como processo contínuo e relacional. O acolhimento não ocorre apenas nos primeiros dias de inserção das crianças na escola, ele é parte fundamental de todos os dias do início ao fim do ano, pois envolve acolher a criança em sua inteireza, nas suas diferentes formas de agir, se expressar, pensar e sentir.

A palavra acolhimento traz consigo alguns sentidos, segundo o dicionário online de Português, acolhimento significa ação ou efeito de acolher; hospitalidade; lugar em que há segurança; abrigo. Para Staccioli (2013, p. 25) acolher uma criança é mais do que recebê-la no espaço físico e encontrar um lugar para ela, “o acolhimento não diz respeito apenas aos primeiros momentos da manhã ou aos primeiros dias do ano escolar.” O acolher se faz no cotidiano escolar, em cada escolha que é feita a partir da escuta de cada criança, em cada planejamento, interações, é em meio a rotina que compreendemos o acolhimento.

O acolhimento é um ato profundo que vai além do toque físico, do colo ou do carinho. Embora essas ações sejam fundamentais para estabelecer uma relação de afeto entre crianças e professoras, pois, oferecer colo e carinho demonstram preocupação e validam os sentimentos da criança, especialmente em momentos de choro, acolher não se limita a isso. Ele se manifesta também na escuta sensível nos momentos de agitação, no diálogo sobre as



novidades, no reconhecimento do tempo de cada criança, ao nomear as emoções e mediar os conflitos. É um processo complexo que, muitas vezes, não é tranquilo. Para Piorini (2023) o acolher

Está no como, onde e quando; está em observar, perceber, prever, refletir, aprender, compreender, em dar-se conta, permitir-se, desconstruir-se; em guiar, orientar, apoiar, acreditar, confiar, dar segurança; está em não impor deliberadamente. (PIORINI, 2023, p. 56)

É importante se colocar com uma visão empática no lugar das crianças em situações do dia a dia. As crianças desejam ser vistas e ouvidas, acolhidas em seus registros, histórias, preferências, opiniões e emoções, bem como em situações inesperadas e nos acidentes. Qual é a postura docente diante dessas circunstâncias? As crianças estão sendo realmente acolhidas e escutadas?

Acolher uma criança, é também, acolher o mundo interno da criança, as suas expectativas, os seus planos, as suas hipóteses e as suas ilusões. Significa não deixar passar, como se fosse tempo inútil, o tempo que a criança dedica às atividades simbólicas lúdicas, ou tempo empregado para tecer relações “escondidas” com outras crianças. (STACCIOLI, 2013, p. 28)

Acolher está intimamente ligado à escuta sensível, escutar ativamente implica na interpretação, dar sentido a mensagem que é comunicada. Segundo Rinaldi (2021, p. 125) a “escuta que tira o indivíduo do anonimato, que nos legitima, nos dá visibilidade” essa é a escuta ativa. Escutar demanda uma consciência reflexiva, pois, não é apenas ouvir com os ouvidos, mas sim realizar uma ação a partir do ouvir, e escuta essa que por vezes, tem uma mensagem subliminar, aquilo que é dito nas entrelinhas, aquilo que é dito nos gestos, nas emoções, nos olhares, nos toques. “A escuta requer alguém que ‘fale’ através de suas diferentes linguagens, e alguém que ‘escute’ com todos os seus sentidos” (GOELZER, 2020, p. 91 -92)

Escutar é um verbo essencial porque envolve mais do que ouvir passivamente. Significa estar aberto às ideias, emoções e perguntas das crianças, validando-as como indivíduos com capacidade criativa e reflexiva. É por meio dessa escuta sensível que o(a) professor(a) consegue criar conexões significativas, com uma troca sensível, amorosa e respeitosa, compreender as necessidades reais, oferecer experiências educativas que dialogam com os interesses e as vivências das crianças.

Rinaldi (2014, p. 227) corrobora com essas ideias quando afirma que:

Se nós acreditamos que as crianças têm teorias, interpretações e questões próprias, e que são coprotagonistas dos processos de construção do conhecimento, então os verbos mais importantes na prática educativa não são mais ‘falar’, ‘explicar’ ou ‘transmitir’ –, é apenas ‘escutar’.



A escuta é um elemento fundamental e constituinte de uma prática que valorize e respeite as crianças, proporcionando um atendimento de qualidade que acolha suas demandas e necessidades, que as façam sentirem-se seguras para expressar os seus sentimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Trabalho Completo de Conclusão de Curso apresenta 3 categorias, o que pode ser visto em (HENRIQUE, 2024). Para esse texto será apresentada e discutida a categoria “O acolhimento: Identificando momentos sensíveis”. Nesta categoria foi abordado diferentes situações, em que foram caracterizadas na pesquisa como momentos sensíveis vividos pelas crianças, as quais necessitam de um acolhimento, como por exemplo: nos momentos em que se sentem frustradas, cansadas ou sensíveis; diante de conflitos com os pares; ao lidarem com a ausência dos pais; em situações de queda; ou quando estão agitadas. Nesse sentido, vamos apresentar e problematizar de que forma as crianças têm sido acolhidas nesses diferentes momentos no contexto da Educação Infantil.

De acordo com a entrevista realizada com a regente da turma, prof. Dália destaca que:

O acolhimento vai acontecer em todo tempo, especialmente nessa faixa etária, toda Educação Infantil, as crianças precisam do acolhimento desses sentimentos que vêm ao longo dia. Então, eu acho que é muito de perceber a criança e ajudar ela com essas emoções. Eu vejo muito que o acolhimento tem a ver com isso: Para alguns é consolar choro, para outros é oferecer um colo, mas, para algumas crianças, não é isso. Para algumas crianças, é ajudar a brincar, é também dizer: “Agora a mãe vai embora” e aí esse é o acolhimento que eu posso fazer. O acolhimento é muito quando as crianças não estão bem, mas que é isso, quando tá chorando, quando tá triste, quando né... mas também quando eles trazem uma coisa legal, uma novidade ou: “prof. sabia que eu gosto de tal coisa”. Então, isso também para mim é acolher. (Dália, entrevista, 17 de setembro/2024)

Essa fala da professora corrobora com a concepção de acolhimento adotada no desenvolvimento da pesquisa, especificamente quando Dália diz que o acolhimento na Educação Infantil transcende momentos específicos, ele se manifesta no cotidiano, de diferentes formas e em diferentes situações. Dália enfatiza que o acolhimento não se limita ao consolo ou ao carinho físico, mas se adapta às diversas demandas das crianças, seja ajudando-as a brincar, oferecendo segurança diante da separação dos pais ou simplesmente validando suas novidades e interesses. Isso reflete a ideia de Piorini (2023), de que o acolher está no “como, onde e quando”, exigindo observação, reflexão e ações que respeitem as especificidades de cada situação.

Evidenciei nas observações diferentes situações de acolhimento nesses momentos sensíveis, o cair, se machucar é um desses momentos. No primeiro dia André se machuca ao cair. Como relata o trecho a seguir retirado do diário de campo:



André corre pela sala com um avião de papel, há uma barraca grande na sala, ele voa com o avião para dentro da barraca, e ao sair correndo tropeça, cai e chora. Prof Dália logo se levanta de onde acolhia Eric recém chegado que estava em uma das mesas com a mãe, senta no chão, pega André no colo e diz: “É eu sei, dói né, dói mesmo” e massageia o joelho de André. Após alguns minutos ele se acalma, logo ela o aconselha que deve olhar para o chão para não cair e que não deve correr na sala, pois é uma regra. Assim que André se recompõe ela o convida para ir até a mesa onde estava com Eric. (Diário de campo, 19 de agosto/2024)

Esse momento destaca o acolhimento que a professora Dália faz, validando o sentimento do André. Assim como Kamala faz com Juan nesse trecho a seguir:

Juan cai enquanto corre no gramado, ele chora, Kamala vai até ele e pergunta se está tudo bem, pega Juan no colo e diz: “Eu sei, eu sei dói quando a gente cai, eu sei”, Juan enquanto chora diz: “Eu caí porque tava correndo”, e Kamala responde: “Por isso temos que tomar cuidado”, Kamala oferece: “Você quer colocar um gelinho no joelho?” Juan pede: “Eu quero ir na ‘enfermagem’, se referindo a técnica de enfermagem da escola. Kamala comunica a prof que levará ele. (Diário de campo, 26 de agosto/2024)

Ao observar essa forma de acolhimento, percebi que as crianças se sentiam seguras e se acalmavam quando seus sentimentos eram validados, através de uma escuta sensível. Reconhecer que cair realmente machuca e causa dor permitiu que elas compreendessem a situação, levantassem e que continuassem a brincar ou que buscassem soluções para que aliviasse os sintomas, como por um gelo.

Validar os sentimentos de uma criança ajuda-a a compreender a realidade. Ela está chateada, e você está ciente disso. Você não está ignorando ou distraindo ela de seus sentimentos; pelo contrário, está aceitando. (GONZALEZ - MENA, 2015 p. 60)

Validar os sentimentos não se limita apenas para situações onde as crianças se machucam, mas quando sentem emoções no geral, ficar tristes, chateadas, até mesmo com sono também são importantes que sejam validados. Validar os sentimentos significa escutar e dar sentido a eles, quando fazemos isso damos visibilidade às crianças e suas emoções.

Outro momento significativo observado em situações de acolhimento foi a chegada, marcada pela despedida e saudade da mãe ou da figura de apego das crianças. Presenciei algumas vezes momentos em que, ao serem deixadas na sala, as crianças choravam durante a despedida, expressando claramente o desejo de permanecer ao lado de seus pais.

Os estudos realizados por Bowlby (1958) deram origem à teoria do apego, a qual descreve sobre as reações das crianças em relação à ausência materna. Para Bowlby (1993) o apego tem a função de sobrevivência, procurando manter a proximidade com o seu cuidador, sendo assim vista a ansiedade de separação como objetivo de sobrevivência. Ele apresenta que essas reações têm sido distinguidas entre o protesto da separação e a ansiedade da separação. Rapoport e Piccinini (2001) explicam sobre essa teoria:

Existem diferenças nas reações da criança à separação materna prolongada. Enquanto algumas crianças parecem desenvolver-se normalmente após uma



experiência de separação e perda, outras apresentam dificuldades para superar estas situações. (2001, p. 83)

Em alguns dos trechos destacados nessa categoria vemos situações onde as crianças sofrem para se separar dos familiares. Todavia, acredito que não seja por insegurança de ficar em um lugar desconhecido, com pessoas que ainda não conhecem, tendo em vista que essas cenas foram observadas no segundo semestre letivo, mas sim pelo apego que tem com o(a) familiar, pela necessidade de ficar mais tempo juntos.

Nesses momentos, durante as observações percebi que sempre houve muito diálogo da parte das professoras da turma para que as crianças se sentissem confortáveis em expor seus sentimentos, para que soubessem que elas estavam sendo ouvidas, mas também para que compreendessem a importância de permanecer na escola, percebo assim a efetivação de uma escuta sensível no cotidiano de uma escola da infância que requer muito estudo e atenção aos detalhes para que haja conforto e acolhimento nos momentos sensíveis.

A seguir trago alguns desses momentos:

Chego quase junto com o Adão na porta da sala, ele está chorando aos prantos agarrado na perna do pai, o pai pergunta: “O que houve? Você quer ir para casa?” Adão responde: “Não, eu quero que você fique!” O pai diz: “O pai tem que trabalhar, você quer ir pra casa ficar com a mãe?” Adão responde que não. O pai entra na sala e diz: “Vem, o pai entra com você” e vão até a mesa onde tem os bonecos de super-heróis [...] ouço o pai de Adão lhe oferecer novamente ir para casa ficar com a mãe e ele recusa, o pai se despede e sai da sala enquanto Adão chora e diz: “Eu quero a mamãe”. Nesse momento, Rosa vai até ele para acalmá-lo, eles conversam por um tempo, mas estou afastada o suficiente para não conseguir acompanhar o diálogo, mas percebo como Adão a escuta atentamente enquanto conversam, percebo que ele se acalma. Alguns minutos depois Adão está com o professor Narciso no espaço das pistas e carros, eles brincam e Adão parece agora, mas calmo do que antes. Pelo resto da tarde ele segue brincando. (Diário de campo - 04 de setembro/2024)

Dália organiza um grupo pequeno de crianças as quais estavam interessadas na proposta para brincar com tinta [...] Dália percebe que Tom está chorando em um dos espaços e diz: “Meninas, o Tom tá chorando! Alguma de vocês pode vir dar uma atençãozinha e tentar descobrir o que aconteceu?” Violeta se aproxima e o pega no colo, não consigo escutar o que houve com ele. Eles vão até a mochila e Tom pega o bico e retorna para o colo da prof Violeta, ali ele fica por um bom tempo, recebe um carinho e cafuné, às vezes chora, às vezes pára. Alguns minutos depois, descubro que Tom está com saudades dos pais, por isso chora. (Diário de campo - 11 de setembro/2024)

Nessas situações, as crianças estavam tristes, chateadas e choravam por desejarem estar com seus pais, ainda que demonstrassem gostar de estar na escola, como é o caso do Adão que não queria ir embora, e sim que o pai ficasse com ele. Assim, percebo que o nosso papel possível nesse momento é escutar e estar disponível, por vezes, um colo será necessário, um carinho, se mostrar atento e validar seus sentimentos. O choro sempre estará para nos comunicar uma necessidade, escutar atentamente também é uma maneira de atender a uma



necessidade.

Mas, se o bebê estiver chorando porque precisa desesperadamente da mãe, acalmá-lo só terá efeitos temporários. Você não tem como atender a essa necessidade, mas pode continuar escutando. Escutar um bebê que continua chorando depois que você fez tudo o que pôde significa aceitar o fato de que o bebê está expressando um sentimento, um desejo - *algo*. Em vez de tratá-lo como um incômodo, trate-o com respeito de um ser humano que tem necessidade de se expressar. Mostre para ele que você está lá recebendo os seus sinais. (GONZALEZ - MENA, 2015 p. 59)

A reflexão de Gonzalez-Mena (2015) reforça essa compreensão ao afirmar que a escuta, mesmo quando não interrompe o choro, legitima a expressão do bebê e reconhece sua humanidade. Assim, acolher nesses momentos significa sustentar a criança emocionalmente, mostrar que seus sentimentos têm lugar e valor, e reafirmar que ela não está sozinha, ainda que sua necessidade maior não possa ser plenamente atendida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo foi motivado por experiências e inquietações relacionadas à forma como as crianças são acolhidas na Educação Infantil, destacando o importante papel da escuta sensível nesse processo. Ao longo de minhas vivências com as crianças, pude perceber a importância de um olhar atento e sensível às suas demandas e necessidades, aos seus gostos e desgostos, sensibilizar-me com suas dores e angústias. Percebi que as crianças também sentem raiva e precisam de um tempo para se acalmar. Entendi que as crianças se comunicam não apenas com as palavras, mas com seus gestos e olhares, com suas cem linguagens (MALAGUZZI, 1999), que nos entendem e nos percebem, também por nossas emoções. Passei a compreender que um colo pode suavizar o sentimento de saudade, que quando acolhidas as crianças aprendem a acolher também, percebi que quando escutadas elas se sentem valorizadas.

Por outro lado, presenciei práticas que, por vezes, desconsideravam o respeito pelas necessidades e sentimentos das crianças, ignoravam o seu choro, desvalorizam as suas expressões durante os conflitos ou impunham rotinas sem flexibilidade, como a hora do soninho, por exemplo, as quais impulsionaram essa pesquisa.

Essas situações reforçam a relevância de compreender de que forma as crianças têm sido acolhidas nos momentos sensíveis no contexto da Educação Infantil. Ao longo do estudo podemos reconhecer que o acolhimento não se limita a ações isoladas, mas envolve um processo contínuo que depende de atitudes sensíveis e de uma postura afetiva e respeitosa por parte dos(as) professores(as). Momentos como mediar conflitos, redirecionar situações de agitação e movimentação, lidar com a ausência dos(as) pais(mães), atender crianças com



necessidades específicas evidenciaram a complexidade do trabalho docente, ressaltando a importância de uma postura sensível e reflexiva por parte dos(as) professores(as).

Neste contexto, a escuta revela-se fundamental para reconhecer e validar as necessidades e as emoções das crianças, contribuindo para garantir seus direitos e seu desenvolvimento integral. Portanto, concluo esse trabalho destacando que a escuta sensível desponta como elemento fundamental para o acolhimento infantil, promovendo vínculos afetivos, autonomia e respeito mútuo, a partir de uma prática pedagógica comprometida, responsável, reflexiva alicerçada em bases teóricas que compreendam e potencializem o protagonismo infantil.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Lilian Francieli Moraes de Bastos. **A participação infantil no cotidiano escolar: crianças com voz e vez**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2014.

BOWLBY, J. (1958). **The nature of the child tie to his mother**. International Journal of Psychoanalysis, 39, 350-373.

BOWLBY, J. (1993). Separação (L.H.B, Hegenberg, O. S., Mota & M. Hegenberg, Trans.). Em J. Bowlby (Org.), **Trilogia Apego e Perda** (2ª ed., Vol.2). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1973)

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEB, 2010.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora, 1994.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FRANCO, Merilis Aparecida. **A sensibilização sobre o acolhimento: uma proposta interventiva com a criação de rapsódias do cotidiano infantil**. São Paulo. 176f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2021.

GOELZER, Juliana; **Auto(trans)formação permanente com professoras: a escuta sensível e o olhar aguçado na do-discência com as turmas multi-idades da unidade de educação infantil ipê amarelo/ufsm**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, [s.l.: s.n.], 2020. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/22990/TES_PPGEDUCACAO_2020_GOELZER_JULIANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.



GONZALEZ - Mena, Janet. **Fundamentos da educação infantil: ensinando crianças em uma sociedade diversificada** / Janet Gonzalez - Mena; tradução: Marcelo de Abreu Almeida; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. - 6. ed. - Porto Alegre: AMGH, 2015.

HENRIQUE, Julia Castagna. **A escuta sensível no acolhimento às crianças na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2024.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2003.

LIPPI, Elisiane Andreia. **O Acolhimento Da Criança de 3 a 5 anos quando ingressa na escola de Educação Infantil** / Elisiane Andreia Lippi - Frederico Westphalen, RS : [s.n.], 2016.

MALAGUZZI, L. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIORINI, Carolina Salinas. **O acolhimento na instituição de Educação Infantil durante o retorno presencial na pandemia de Covid - 19: a indissociabilidade entre acolher e escutar** / Carolina Salinas Piorini - Campinas, SP : [s.n.], 2023.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. **O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos**. In. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2001, 14(1), pp. 81-95

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender** / Carla Rinaldi; tradução de Vânia Cury; - 14ª ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. Tradução: Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RISTOF, Luciana Stumpf. **A chegada dos bebês na escola de educação infantil: acolher com sensibilidade** / Luciana Stumpf Ristof. – Ijuí, 2020. Dissertação (mestrado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí). Educação nas Ciências.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário de acolhimento na escola da infância**. Ed. Autores Associados: Campinas, 2013.

